

A discutida reativação

As manchetes dos jornais anunciando a reativação da economia, pela via do crescimento da produção e do emprego em alguns segmentos da indústria, podem ser explicadas pela sadia disposição de todos os agentes econômicos e da sociedade em geral, em sair do processo recessivo, mas o fenômeno precisa ser racionalmente explicado, para não criar expectativas frustrantes.

Em primeiro lugar, é preciso acreditar nos números exibidos pela Fiesp — Federação das Indústrias do Estado de São Paulo — pois eles refletem um levantamento feito diretamente junto aos diversos setores, e informações fornecidas pelas próprias indústrias, indicando a ocorrência de um aumento do nível de emprego. Em segundo lugar, é preciso qualificar adequadamente essa performance: ela resulta, basicamente, do crescimento da produção de manufaturados destinados à exportação, e os resultados excepcionais das vendas externas destes produtos, nos dois primeiros meses do ano, atestam essa realidade.

A análise demonstra também que os setores industriais diretamente ligados à produção agrícola e sua comercialização também cresceram, como as matérias-primas para a produção de fertilizantes e defensivos e a indústria monzadora de caminhões de carga, demonstrando os reflexos do crescimento da produção agrícola junto à indústria.

É preciso, contudo, chamar a atenção, que a exportação, por si só, é incapaz de garantir um crescimento sustentado da economia, especialmente de forma global. Este, como reconhecem os próprios gestores da política econômica, somente ocorrerá na presença de dois fatos ainda não verificados: uma maior flexibilidade das importações e um declínio da taxa inflacionária.

De fato, é praticamente impossível às empresas aumentarem seus investimentos sob um regime inflacionário de 230 por cento ao ano, da mesma forma que ninguém conseguirá sobreviver com um empreendimento pagando juros ao nível dos atualmente praticados no País. A liberalização das importações para o setor privado, utilizando-se a margem de US\$ 1,3 bilhão decorrente da economia na importação de petróleo é outra condição para que a reativação da economia, no âmbito industrial, se processe de forma mais abrangente.

Há, infelizmente, obstáculos à consecução desses objetivos. Do lado da inflação, o esperado declínio da taxa de março parece que não ocorrerá pois já se fala em dez e até doze por cento, enquanto em relação à flexibilização das importações, o Governo decidiu esperar mais algum tempo e verificar o comportamento da balança comercial, pois ela somente ocorrerá caso seja atestada a viabilidade da obtenção de um superávit comercial de nove bilhões de dólares no corrente ano. Postos os fatos, tal como eles se apresentam, justifica-se euforia, mas se recomenda, ao mesmo tempo, a cautela.